

Competência informacional na Educação Adventista

Raquel Pinto Correia (IASBE) - raquel.correia@adventistas.org.br

Resumo:

Descreve o desenvolvimento de um projeto sobre Competência informacional em colégio da Educação Adventista em Curitiba, com alunos do 3º ano do Ensino Médio (EM). Visa desenvolver habilidades informacionais nas rotinas dos trabalhos acadêmicos, orientar alunos e professores em relação à normalização das pesquisas e fortalecer o papel educativo da biblioteca e do bibliotecário. Baseado nos estudos de Eisenberg e Berkowitz reorganiza as etapas para realização dos trabalhos com palavras-chaves. Foram organizadas reuniões, palestras com coordenadoras, orientadoras, auxiliares das bibliotecas e professores para explicar o novo roteiro de trabalhos acadêmicos, bem como a construção de um guia com orientações deste novo processo. Descreve a parceria realizada com professores para o desenvolvimento desta metodologia e a participação do bibliotecário no processo, uma novidade para os alunos. A escolha do 3º ano do EM foi por estarem entrado para a faculdade e de prepara-los para essa nova etapa de suas vidas. Analisou o desempenho dos alunos durante o processo e destaca as principais dificuldades em relação à metodologia de trabalho, destacando que a sintetizar e buscar informações, fazer citações e falar em público, foram as mais indicadas. Constatou-se que essas dificuldades são decorrentes da falta de leitura sobre o tema e a reescrita.

Palavras-chave: *Competência informacional. Biblioteca escolar. Trabalhos acadêmicos.*

Área temática: *Bibliotecas Escolares*

Competência informacional na Educação Adventista

Resumo

Descreve o desenvolvimento de um projeto sobre Competência informacional em colégio da Educação Adventista em Curitiba, com alunos do 3º ano do Ensino Médio (EM). Visa desenvolver habilidades informacionais nas rotinas dos trabalhos acadêmicos, orientar alunos e professores em relação à normalização das pesquisas e fortalecer o papel educativo da biblioteca e do bibliotecário. Baseado nos estudos de Eisenberg e Berkowitz reorganiza as etapas para realização dos trabalhos com palavras-chaves. Foram organizadas reuniões, palestras com coordenadoras, orientadoras, auxiliares das bibliotecas e professores para explicar o novo roteiro de trabalhos acadêmicos, bem como a construção de um guia com orientações deste novo processo. Descreve a parceria realizada com professores para o desenvolvimento desta metodologia e a participação do bibliotecário no processo, uma novidade para os alunos. A escolha do 3º ano do EM foi por estarem entrando para a faculdade e de prepara-los para essa nova etapa de suas vidas. Analisou o desempenho dos alunos durante o processo e destaca as principais dificuldades em relação à metodologia de trabalho, destacando que a sintetizar e buscar informações, fazer citações e falar em público, foram as mais indicadas. Constatou-se que essas dificuldades são decorrentes da falta de leitura sobre o tema e a reescrita.

Palavras-chave: Competência informacional. Biblioteca escolar. Trabalhos acadêmicos.

Área tem ética: Bibliotecas escolares

1 Introdução

Ao acompanhar a rotina das bibliotecas da Educação Adventista da Associação Central Paranaense (ACP), principalmente nas unidades escolares que possuem Ensino Fundamental II (EFII) e Ensino Médio (EM) foi possível constatar a dificuldade dos alunos na realização de trabalhos acadêmicos.

Apesar dos professores utilizarem a pesquisa como recurso pedagógico os alunos não entendem exatamente o que o que tem que fazer, por isso a maioria dos trabalhos não passa de uma cópia de dados retirados de livros ou de sites, originando textos sem nexos ou plagiados. Mesmo sabendo dos procedimentos realizados pelos alunos, os professores aceitam os trabalhos, dão notas e desta forma validam o processo como correto. Mas, na realidade o que se constata é que o professor não sabe como orientar, não tem tempo e nem tem um critério de correção do trabalho divulgado para o aluno, pois na maioria das vezes é lendo

todos os trabalhos que o professor dá a nota, do melhor para o pior, este é um dos critérios utilizados. Após a entrega e a nota, o trabalho perdeu seu valor e a construção do conhecimento pretendido não foi alcançada, pois o aluno não sabe o que fez de certo ou de errado.

Neste processo deve-se levar em conta que alunos do EM tem pouco interesse nas atividades acadêmicas e se esforçam ao mínimo para realizá-las, Durban Roca (2012, p. 42) coloca que muitos alunos do EM não estão interessados na escola, pois em alguns casos:

As tarefas propostas requerem esforços intelectuais muito acima de suas possibilidades, desencadeando, deste modo, ainda mais rejeição. Esses jovens recebem a ideia de diferentes âmbitos da sociedade de que o futuro, já não passa pelo esforço. Desse modo é muito mais fácil se deixar levar pela preguiça e pela covardia. Tudo o que não possui valor prático é insignificante, e seu estudo é perda de tempo.

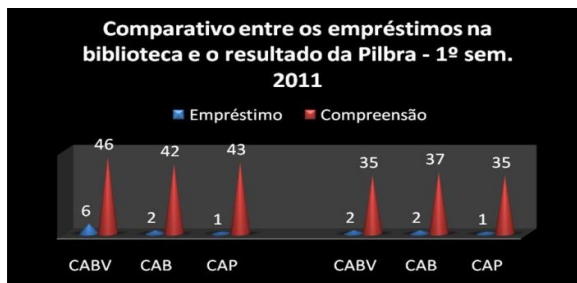
Outro indicador que dificulta a realização de trabalhos acadêmicos é a falta da leitura por parte dos alunos dentro do contexto exposto acima. Em análise aos dados do teste de leitura realizados pela Pilbra¹ pode-se constatar que os alunos da Educação Adventista – ACP tem 39% de compreensão ao ler um texto pela primeira vez, dados realizados por amostragem realizada nas diversas unidades da rede. Relacionando este dado com as estatísticas da biblioteca foi possível verificar que a média de empréstimos é de 2 livros por semestre entre os alunos do EFII e EM, considerando que a biblioteca do colégio não é a única fonte de leitura dos alunos, mas os empréstimos servem como indicador de uso. Quando se analisa os dados destas instituições (Graf. 1) é possível verificar uma pequena coo-relação entre os empréstimos e a compreensão da leitura, se observar no gráfico a unidade do CABV é possível verificar que os alunos do EFII emprestaram mais que a média das demais unidades e conseqüentemente a compreensão da leitura foi maior.

Na sociedade atual a leitura ocupa um espaço cada vez maior, pois auxilia o leitor na compreensão de mundo, portanto quando os alunos não conseguem organizar o que leem, não conseguem entender o mundo em que vivem e

¹ Programa integral de leitura que visa diagnosticar sem preconceitos os maus hábitos de leitura e mostrar as graves conseqüências da falta de concentração, compreensão, assimilação, agilidade do ato de ler.

consequentemente não exercem seus direitos como cidadãos, pois são levados por toda sorte de influência.

Gráfico 1 – Comparativo entre os empréstimos na biblioteca e o resultado do teste de leitura da Pilbra dos alunos do EFII e EM - 2011



Fonte: Dados retirados dos relatórios da Pilbra e do Sistema de biblioteca da USB - 2011

Segundo Durban Roca (2012, p. 42-48), é necessário mobilizar o desejo pelo saber, pois não há aprendizagem verdadeira se não a deseja, os alunos não lerão se não sentirem desejo pelo conhecimento, é necessário incentivá-los a inquietação, a formular perguntas, ajudando-os a encontrar tempos para reflexão e concentração.

A escola tem uma responsabilidade e uma função chave neste processo, “precisa aprender a dar sentido à leitura e a escrita para acreditar em sua relevância e os alunos precisam descobrir razões significativas para ler e escrever”. (DURBAN ROCA, 2012, p. 63). Complementando essa ideia, Maria (2008, p. 46), acrescenta ainda que o processo de aprendizagem da leitura é proposto ao desafio da escrita e que os alunos devem ser produtores de conhecimento.

E em apoio a estas funções se destaca o papel educativo da biblioteca e do bibliotecário no contexto escolar, componentes úteis para apoiar de maneira contínua as ações de aprendizagem, que Durban Roca (2012, p. 35) destaca que a função da biblioteca “é impulsionar os processos de melhoria do ensino que estejam sendo desenvolvidos na escola”.

Em relação ao perfil do bibliotecário escolar, Modesto citado por Macedo (2005, p. 351), coloca que “o bibliotecário é um professor, pois no desempenho de suas funções informativas, planeja situações de aprendizagem, fornece assistência aos estudantes em sua aprendizagem, seleciona, disponibiliza recursos de informações relacionadas à temática de aula e demonstra aos professores e estudantes como utilizar recursos para a aprendizagem”. Portanto, o bibliotecário

deve ser mais atuante e interagir na sua comunidade para que o seu papel fique conhecido.

Dentro deste contexto foi organizado o projeto Competência informacional, uma parceria entre a Coordenação Pedagógica da ACP e o Sistema de bibliotecas que visa desenvolver habilidades informacionais nas rotinas de pesquisa que os alunos realizam, isto é, os alunos devem ser capazes de localizar, selecionar e interpretar as informações de forma que aprenda independentemente e com responsabilidade social.

Para alcançar o desenvolvimento dessas habilidades o projeto tem como objetivos:

1. Sensibilizar o grupo de coordenadoras e orientadoras da ACP para apoio e organização do projeto nas diversas unidades da rede;
2. Orientar e capacitar os professores coordenadores de área para aplicação do método nas diversas disciplinas;
3. Capacitar os professores no processo de pesquisa baseado na metodologia de Michael Eisenberg e Robert Berkowitz;
4. Acompanhar os alunos do EFII e EM na realização de trabalhos acadêmicos;
5. Organizar o grupo de auxiliares das bibliotecas para suporte aos professores e orientações aos alunos na realização dos trabalhos;
6. Criar um manual para professores e alunos sobre as principais normas e procedimentos para realização de trabalhos;
7. Fortalecer o papel educativo da biblioteca e a função do bibliotecário no processo de aprendizagem.

O projeto será desenvolvido de acordo com a sensibilização do professor, aquele que desejar desenvolver as atividades na íntegra, desta forma pretende-se conquistar demais professores para participar do projeto.

2 Competência Informacional

A American Libray Association (ALA) desenvolveu padrões para a biblioteca escolar e em 1998 publicou o **Information Power**, um documento que esclarece a função pedagógica do bibliotecário e também as habilidades que os alunos devem dominar para ser competente no uso da informação, denominado de letramento informacional.

No Brasil, o termo e o conceito de letramento foram incorporados à literatura científica como “competência informacional” e foi introduzido por Caregnato em

2000, depois se destaca o trabalho de Duzidak por apresentar o histórico da competência no âmbito da biblioteca escolar e de Campello por trabalhar o papel educativo do bibliotecário no contexto brasileiro (CAMPELLOa, 2009, p.77).

Para fins do projeto entende-se que a competência informacional “constitui a capacidade essencial, necessárias aos cidadãos para se adaptar à cultura digital, à globalização e a emergente sociedade do conhecimento” (CAMPELOb, 2009, p. 12).

A Internacional Federation Libraries Association (IFLA, 2006, p. 22) no guia para bibliotecas escolares indica um modelo de programa de competência informacional e acrescenta que as diretrizes devem fazer parte do contexto acadêmico e com uso na vida real. As principais habilidades que o aluno deve dominar são: construir significado a partir da informação; criar produtos de qualidade; estudar de forma autônoma; participação ativa nos trabalhos em grupo; e uso de informações e tecnologias da informação de modo responsável e ético. Durban Roca (2012, p. 84) destaca ainda que dentro da nova proposta curricular é necessário:

Articular o ensino e aprendizagem da competência informacional vinculada a cultura digital. É preciso desenvolver um marco teórico e outro de aplicação prática para o seu desenvolvimento que se articule sob a concepção de que a competência leitora e o pensamento reflexivo são o eixo central da gestão da informação

Baseado nas diretrizes da ALA e da IFLA, os bibliotecários estadunidenses, Michael B. Eisenberg e Robert E. Berkowitz organizaram um programa denominado Big6, que atualmente é um empreendimento com grande aceitação comercial em diversos países para o ensino básico (outras informações <http://big6.com/>). Este modelo funciona como andaime metacognitivo, isto é, estratégia para a solução de problemas e sua estrutura é útil na abordagem de questões baseadas em informações. Está estruturado em 6 etapas: definição do problema, escolha e identificação das fontes, interpretação e síntese do conteúdo e finaliza com avaliação do produto e do processo (CAMPELLOa, 2009, p.79). Belluzzo (2007, p.41-42) ao falar da construção do conhecimento utiliza mapas no desenvolvimento de competências em informação e comunicação, chama estas etapas como Kit de sobrevivência, que envolve a capacidade de usar a informação para a tomada de decisão, portanto estas habilidades devem ser estimuladas nos alunos de forma a prepara-los para viverem na sociedade do conhecimento.

Analisando o estudo destes bibliotecários sobre competência informacional foi feita uma adaptação para os alunos da Educação Adventista da ACP, para facilitar o entendimento dos conceitos optou-se pelo uso de palavras chaves, que de forma concisa exprimem as seguintes ideias:

- a) Identificar – conversa inicial do professor com os alunos indicando o conteúdo do trabalho, a forma, prazo para entrega, forma de apresentação e delimitação do tema;
- b) Buscar – utilizar a biblioteca tradicional ou digital (internet) recolhendo informações pertinentes ao trabalho;
- c) Analisar – envolve a leitura para avaliação da pertinência ou não das informações, anotações de ideias e organização de citações;
- d) Sintetizar – é a organização estrutural das informações no trabalho, isto é, conteúdo (introdução, desenvolvimento, conclusão e referências) e forma física de apresentação (cartaz, resumo, resenha, relatório, apresentações, artigo, monografia);
- e) Comunicar – envolve as regras de comunicação oral e organização de apresentações;
- f) Avaliar – é a revisão das etapas, onde o aluno identifica as facilidades e dificuldades do processo.

O projeto foi organizado da seguinte forma, primeiro reuniões com as coordenadoras e as orientadoras das unidades para esclarecimento e para se replicadora do projeto na sua unidade. A coordenadora tem papel fundamental neste processo, pois é ela que organiza junto ao professor os recursos que facilitam o processo de aprendizagem do aluno.

Em seguida foram realizadas dinâmicas com os alunos para sensibilização da importância da leitura, da escrita e da organização das informações. Essa dinâmica visa padronizar palavras, conceitos e procedimento para a construção dos trabalhos, pois muitas atividades os alunos já realizam, mas cada um entende de um jeito, assim fica a mesma linguagem. A dinâmica compara as etapas de um trabalho utilizando as palavras-chave com um caixa de chocolate, assim o processo fica mais dinâmico.

Foram realizadas reuniões com os professores estabelecendo regras para a solicitação de trabalhos, bem como para a correção, entendendo que muitos professores solicitam pesquisas para os alunos e não fazem o acompanhamento. O aluno deve ser assistido em todas as fases do processo, pois não nasceu sabendo e precisa de orientação. Alguns professores entenderam que pedir um trabalho interdisciplinar fica mais fácil para fazer o acompanhamento, pois cada um atende um grupo.

As auxiliares das bibliotecas também passaram pelo mesmo processo dos professores, pois se entende que o trabalho da biblioteca é pedagógico e de apoio às atividades de aprendizagem que o professor propõe e faz-se necessário um conhecimento básico das normas da ABNT.

Para facilitar o desenvolvimento do projeto foi organizado um guia de trabalhos acadêmicos para EFII e EM para os alunos e outro para os professores. O guia dos alunos traz as palavras-chave e as recomendações mínimas para organização dos trabalhos, já os dos professores trazem mais conceitos e formas de usar as palavras-chave. Os guias foram distribuídos para os três grupos: alunos, professores e auxiliares de bibliotecas.

O uso deste modelo para trabalhos acadêmicos está em consonância com os seguintes objetivos da Educação Adventista (IGREJA, 2004) que visa:

Preparar o aluno para empreender o fortalecimento e o desenvolvimento da mente em favor do bem comum, tendo como ferramenta diferentes fontes de comunicação, informação e recursos tecnológicos; e ao estimular o desenvolvimento do senso crítico, da criatividade, da investigação e do pensamento reflexivo.

Ao explicar as etapas de pesquisa estimulam o raciocínio dos alunos e a aumentam a capacidade de decisão, pois o embasamento dos trabalhos acadêmicos está focado na leitura e na escrita. Neste contexto, White (2000, p. 361) colocar que “as verdades bíblicas podem ser melhores apreciadas pelo cristão intelectual e Cristo pode ser glorificado melhor por aqueles que o servem com inteligência”. E acrescenta que quando o aluno não usa a capacidade de racionar, é incapaz de discernir entre a verdade e o erro, por isso é facilmente enganado (WHITE, 1996, p. 361). Complementando essa ideia, Castells apud Teixeira (2011, p. 31) coloca que nesta sociedade, onde há muita informação, “o complicado não é saber navegar, mas saber aonde ir, onde buscar o que se quer encontrar e o que fazer com o que se encontra. Isso requer educação”, e educação é sabedoria.

Para a consolidação deste projeto há necessidades de recursos humanos capacitados atuando nas bibliotecas. Há necessidade da contratação de mais um bibliotecário para supervisionar e orientar as auxiliares quanto ao projeto e auxiliares com formação superior em Pedagogia ou Letras, ou professor da rede para orientar os alunos na construção dos trabalhos acadêmicos.

3 Etapas do Projeto

Em parceria, a bibliotecária e a professora de Sociologia, organizaram o roteiro para o desenvolvimento de uma monografia para os alunos do Terceirão no 2º bimestre, tendo como temática a vida dos índios Kaingans, Guaranis e Xetás. Os alunos foram divididos em grupos e cada um responsável por uma faceta sobre o assunto (cultura, história, religião, economia, alimentação e o papel da Funai). Ao iniciar o projeto, os professores de História, Geografia e Português resolveram participar orientando os alunos nas suas disciplinas, para que os trabalhos tivessem mais qualidade. Foi agendada mais uma aula com a bibliotecária para tirar dúvidas, ficou estabelecido que os professores fossem responsáveis pelo acompanhamento dos conteúdos e etapas do trabalho e a bibliotecária pela normalização. Todos os textos elaborados deveriam ser enviados por e-mail para os orientadores. Foi utilizado um recurso do word (revisão) para colocar as orientações em paralelos aos parágrafos, indicando o que deveria ser arrumado. Cada grupo teve um horário na biblioteca para mais uma aula de orientação das normas e estrutura do trabalho. Além do trabalho escrito, os alunos deveriam fazer uma apresentação oral para uma banca, composta por uma doutora, professores e administradores da unidade.

4 Resultados

Como resultados deste projeto já foi possível verificar os seguintes aspectos, os alunos em sua maioria gostaram de fazer a monografia, ainda mais que entenderam que é um processo de construção do conhecimento e não apenas cópia de informações. Nos encontros com os alunos foi possível perceber a ansiedade em fazer o trabalho desta forma, pois foram muitas novidades.

Após a realização do trabalho foi aplicado um questionário para que os alunos indicassem o que foi fácil e o que foi difícil durante o processo (Graf.2). É possível verificar que os alunos encontraram maior dificuldade para analisar o texto e estruturar o trabalho (sintetizar), seguidos da busca de materiais e a organização de citações. Essa forma de trabalho evita a cópia de textos digitais, pois o acompanhamento não permite esse tipo de comportamento, é aí que o projeto faz a diferença, e é neste procedimento de trabalho que se verifica que os alunos não

sabem escrever, os textos não tem argumentação e coerência que decorre da falta de leitura sobre o assunto, por isso se faz necessário um programa de competência informacional dentro da escola. Ficou claro que essa forma de trabalho auxilia os alunos na construção da redação, ainda mais que nesta fase da vida farão Enem e vestibulares. Ainda foi possível observar a dificuldade dos alunos em entender o papel educativo do bibliotecário, isto demonstra que o mesmo deve ser mais ativo no processo de aprendizagem.

Gráfico 2 – Opinião dos alunos do Terceirão sobre a forma de realização da monografia no CABV e CAB – 2012



A professora de Sociologia também foi entrevistada e apresentou este depoimento sobre a realização do trabalho:

O que facilitou o meu trabalho foi o apoio das minhas coordenadoras, da bibliotecária, do Departamento Pedagógico da ACP e apoio dos demais professores. O trabalho em equipe faz a diferença. As dificuldades que encontrei são que: os nossos alunos não sabem fazer trabalhos. Creio que é o momento de passarmos mais trabalhos para eles. Tenho uma aula por semana, tenho que supervalorizar minha disciplina, vender essa ideia para os alunos. Me senti realizada quando vi o crescimento dos meus alunos. A avaliação que os alunos fizeram do processo foi realmente muito boa. Amo o que faço!

Diante deste depoimento foi possível constatar a importância do papel do professor na construção dos trabalhos acadêmicos, bem como o acompanhamento e a interação com os alunos neste processo.

5 Considerações Finais

Mudar a cultura de um sistema, não é da noite para o dia, em relação aos professores foi possível constatar que não querem participar desta forma de

trabalho, pois exige muito tempo e dedicação e não querem ficar sobrecarregados; quanto aos alunos, não estão acostumados a pensar, refletir, o que interessa é copiar e ganhar nota, Durban Roca (2012, p. 50) complementa que um processo de melhoria constitui um esforço contínuo e sistemático, com planejamento e corresponsabilidade interdisciplinar de todos os membros da comunidade educacional.

Muitos estudos já foram realizados sobre o papel da pesquisa para o processo de aprendizagem, não é hora de continuar na inércia, cabe à equipe pedagógica e ao bibliotecário realizarem mudanças que priorizem os trabalhos acadêmicos no processo de aprendizagem.

6 Referências

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. **Construção de mapas: desenvolvendo competências em informação e comunicação**. 2. ed. Bauru, SP: Cá Entre Nós, 2007

CAMPELLOa, Bernadete Santos. **Letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico**. Belo Horizonte, 2009. (Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais.

_____. **b. Letramento informacional: função educativa do bibliotecário na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DURBAN ROCA, Glória. **Biblioteca escolar hoje: recursos estratégicos para a escola**. Porto Alegre: Penso, 2012.

INTERNATIONAL FEDERATION LIBRARIES ASSOCIATION. **The IFLA/Unesco school libraries guidelines**. Disponível em: <www.ifla.org/VII/s11/pubs/school-guidelines.htm>. Acesso em: 10 jan. 2007.

MACEDO, Neusa Dias de (Org.). **Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual**. São Paulo: Senac, 2005.

MARIA, Luzia de. **Leitura e colheita: livros, leitura e formação de leitores**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

TEIXEIRA, Brisa. Do livro às mídias sociais: professores e alunos. **Revista Educador Educar**, São Paulo, v.1, n.1, p. 31, mai. 2011.

WHITE, Ellen G. **Conselhos aos pais, professores e estudantes**. 5. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

_____. **Educação**. 6. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996.